

Recensões

Intertextualidade: Poesia e Crença

Recensão do Livro *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até os nossos dias*, de Harold Bloom
(São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 229 p.)

Harold Bloom é Professor de Humanidades na Universidade de Yale. Sua orientação no pensamento inspira-se, segundo sua própria confissão, no que é o pragmatismo crítico norte-americano, conforme podemos observar pela frase: “Toda hipótese é boa o bastante para mim.” (P. 15). Bloom publicou mais de vinte livros, dentre eles: *O livro de J*, *O cânone ocidental* e *Shakespeare: a invenção do humano* – cujo lançamento, no Brasil, está previsto para o ano 2000, pela Objetiva. Além dos livros, Bloom publicou estudos sobre Shelley, Keats, Blake, Yeats e Wallace. O livro que agora analisamos é um emaranhado de hipóteses bem engendradas que seguem uma linha de raciocínio lógico. No livro *Abaixo as verdades sagradas*, Harold Bloom aprofunda suas reflexões desenvolvidas em *A angústia da influência* (Imago, 1991) acerca do *agon* literário e do sublime.

O estilo literário de Harold Bloom procede em conformidade com as produções críticas contemporâneas – diríamos, até mesmo, sob um certo aspecto, neobarrocas. O livro é um composto de especulações e de questionamentos retóricos.

Trata-se de um texto fragmentado, baseado na intertextualidade, onde os assuntos e os “personagens” confluem, dificultando a percepção de uma linearidade. Bloom é um autor polêmico que gosta de provocar o seu leitor, de fazê-lo pensar e criticar, de divagar assim como ele.

Harold Bloom pensa que, como crítico, seu verdadeiro tema tem sido o que tradicionalmente se chamou o “sublime”, que ele descreveria como o modo do *agon* literário, a luta de cada indivíduo para responder ao tríplice problema concernente às forças em disputa do passado e presente: “mais? igual a? menos que?” O presente livro apresenta análises interpretativas de autores consagrados como Shakespeare, Kafka, Samuel Beckett, Virgílio, Milton, Dante, Homero e outros, problematizando a relação de predecessão existente entre eles. Dessa relação também advêm outros questionamentos, como aqueles sobre o papel da “autoridade” literária nos exemplos de Shakespeare e Freud e sobre a apreensão-representação do “sublime”.

O *agon* literário, ou seja, a “disputa” entre um escritor e seu predecessor, é o modo necessário dentro da literatura para que surja a originalidade e toda “nova” grande literatura. Somente quando um autor consegue a superação neste *agon* é que ele atinge o sublime e se torna um poeta forte. De outro lado, aquele que sucumbe nesse duelo se torna um poeta fraco. Segundo Bloom, tanto a Lenda (a crença) quanto o Antigo Canto (a poesia), têm de pôr abaixo as verdades sagradas precisamente porque a condição essencial para a força da poesia e da crença é que o novo canto, o da própria pessoa, sempre deva revelar-se o canto do ser próprio de alguém.

Abaixo as verdades sagradas é composto por seis capítulos que dialogam entre si: A Bíblia hebraica, De Homero a Dante, Shakespeare, Milton, Iluminismo e romantismo; e Freud e além. Todas as análises interpretativas têm como fim estabelecer uma justificativa para o subtítulo do livro: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias. O que o autor faz é apresentar essas duas vertentes numa relação limítrofe na qual as duas “vagueiam juntas e separadas, num vazio cosmológico marcado pelos limites da verdade e do sentido” (p. 17). Isso seria o mesmo

que afirmar que poesia e crença estão ligadas por uma peculiaridade comum, apesar de serem distintas quanto ao seu conteúdo e suas pretensões. Esta peculiaridade é o desejo de extinguir o vazio cosmológico, sendo que nesse caso atingir a verdade e o sentido seria uma forma de executar tal intento. A crença não é recitação, é originalidade, pois se recria toda vez que vivificada. Em contrapartida, as recriações poéticas, quando muito boas, são originais; é justamente essa originalidade comum que faz com que as duas vertentes se aproximem da verdade e do sentido. Essa aproximação diz respeito a cada uma em sua particularidade, mas ambas constituem um ganho relativo para o gênero humano. Este último pode ainda necessitar de outras originalidades, além destas, para atingir, sempre provisoriamente, a verdade e o sentido.

Um dos conceitos mais interessantes do autor foi apreendido por ele ao fazer uma releitura do original de autores na Bíblia Hebraica: a “facticidade” que, segundo Bloom, “é o estado de ser capturado numa factualidade ou contingência que é um contexto inalterável e do qual não se pode escapar” (p. 20). Facticidade é a sensação de familiaridade extrema que certos textos causam em nós, impedindo nosso olhar crítico, promovendo a nossa passividade diante de coisas até mesmo absurdas. O termo representa também a nossa postura ante a originalidade dos textos, o fato de que eles nos “contêm” a seu modo. Relutamos na percepção da originalidade porque ainda não podemos assimilá-la. A crença deseja manter-se nessa facticidade; já a poesia, para acontecer, tem de romper com essa facticidade.

É nesse contexto que surge a questão da “autoridade”, isto é, aquilo de que investimos os grandes autores tais como Shakespeare, Freud ou o Javista. Na opinião de Bloom, quando lemos um escritor forte e caímos na facticidade, ocorre uma transferência, e o que se transfere é o nosso amor pela autoridade, nossa vontade de sermos engrandecidos pela autoridade de que investimos os escritores fortes. Aqui o autor propõe alguns questionamentos: “Quais são as conseqüências críticas dessa noção de facticidade? Como ela pode ser diferenciada do simples truísmo de que o Javista influencia as idéias que temos de Deus,

enquanto Shakespeare molda nossa percepção da personalidade humana e o modo como se pode representá-la, e Freud inspira nosso mapa predominante da mente?” (P. 21.)

Uma dicotomia essencial norteia algumas das análises críticas de Bloom: o monismo e o dualismo, embora o autor tenha diferentes e até várias noções para os dois conceitos. A primeira vez que o dualismo aparece no texto é na presença do arauto Jeremias no tropo dualista do fogo, do exterior e interior. Na opinião de Harold Bloom esse dualismo inaugura um dualismo maior, que se tornará tanto o dualismo normativo judeu como o freudiano, da interioridade contra a exterioridade. Segundo Bloom, o uso do fogo na linguagem de Jeremias referencia a destruição e a cólera, ainda que de Iahweh, e ambas são tropos da exterioridade. Já o fogo como tropo da interioridade é representado pelo Iahweh-Verbo, Iahweh-Coisa e pelo Iahweh-Ato, ou seja, pela palavra. Na opinião do autor, Jeremias dá ênfase à injustiça da exterioridade e à redenção potencial da nossa interioridade.

A retomada de apreensão da dicotomia dualismo-monismo aparece no quarto capítulo, intitulado Milton, no qual o embate entre os conceitos se verifica, segundo Bloom, entre o autor, Milton, e o personagem, Satã. Espírito e força são um único conceito em Milton, ele aceita o âmbito todo que vai do físico até o Divino supremo como “absolutamente ininterrupto”. De acordo com Bloom, a Criação não apenas tornou-se o projeto de sua epopéia, mas também a representação da sua convicção de que matéria e espírito são eternamente indistinguíveis. Satã é dualista, pois representa a divisão entre espírito e matéria. Ele é também a personificação da precedência do pathos sobre o logos em toda poesia de Milton. Na opinião de Bloom, Milton rejeita a separação da natureza e da graça, afirmando, em vez disso, que a razão é o mediador capaz de integrar matéria e espírito e, dessa forma, atingir a regeneração. O autor também afirma que Milton somente representou o dualismo com o fim de o derrotar.

A última inserção da dicotomia dualismo-monismo está presente no último capítulo, Freud e além. O pano de fundo dessa discussão é o judaísmo, e os protagonistas são Freud e Kafka. Retomamos aqui o dualismo da interioridade contra a

exterioridade apreendidas no arauto Jeremias. Na interpretação de Bloom, Freud apresenta uma ambivalência entre as pulsões e o ego corporal. Ambos estariam em conflito desde a origem. Em Freud a interioridade seria o ego corporal e as vicissitudes do instinto seriam figuras da exterioridade (cf. p. 188).

Para Bloom, a sublimação, no sentido freudiano, pode muito bem ser um ideal judaico, mas o verdadeiro centro da obra de Freud é o conceito de repressão, que, de acordo com o autor, é profundamente judaico. Além desses, e em maior profundidade, a “paixão avassaladora pela interpretação” é, segundo Bloom, o mais profundo traço judaico em Freud, quer ele tenha consciência disso ou não.

Harold Bloom não viu a dicotomia dualismo-monismo em Kafka, mas reconheceu-o antes como representante de uma tradição judaica não-normativa. Kafka não acreditava na salvação e não deixava de reconhecer a culpa, mas desejava tornar “possível aos homens usufruir o pecado sem culpa, quase sem culpa” (p. 195). Na opinião do autor, Kafka fez o máximo para fugir à interpretação; usufruir o pecado quase sem culpa é executar esse intento, precisamente na acepção do judaísmo não-normativo, por exemplo da Cabala.

Abaixo as verdades sagradas constitui-se em um exercício de crítica dos mais audaciosos, que vem juntar-se a uma tendência ainda maior de estudos formais sobre literatura e religião. Esta tendência objetiva ler e reler obras de vulto da prosa e poesia universais utilizando-se também, em suas análises, de textos consagrados da crítica literária. No caso específico do livro de Bloom, o que se percebe é uma tentativa de ver como se processa a sobreposição parcial entre o imaginário religioso e o literário. Mais do que um livro de esclarecimentos fáceis, *Abaixo as verdades sagradas* nos coloca questionamentos e sugere reflexões inusuais que jamais tínhamos aventado.

Adna Cândido de Paula
Graduanda em Letras, bolsista no projeto de pesquisa
Religião, Hermenêutica e Literatura (BIC-UFJF)